

Introdução

No decorrer história, todas as esferas da vida humana passaram, e ainda passam por diversas mudanças. A sociedade, segundo Weber, coberta de uma visão mítica, mística e transcendental, passa por um processo que ele intitula por “desencantamento do mundo”. Isso se deu em decorrência da racionalização, da rotinização, e da burocratização social promovida pela evolução intelectual do Homem, enquanto protagonista da vida em sociedade.

Para Weber esse foi um processo pelo qual o mundo já havia passado, ou seja, já é acabado. Todos os fenômenos, que o homem sofre, passaram de explicações baseadas em suas credences à serem explicados de forma científico-racional.

Weber diz que a racionalidade libertou o homem de credences irracionais, e dos encantos existentes no mundo, ocasionando assim o processo de desencantamento. Tendo em vista sempre a questão de nem todo ser humano ter conseguido alcançar o ponto de chegada desse processo, e de ainda hoje se perceber a irracionalidade presente na sociedade.

Ainda com toda a evolução técnico-científica, existem pessoas que preferem se ater às ideologias de cunho religioso, mostrando que o mundo pode ainda estar “encantado”. Max trabalha o desencantamento também na questão das formas de dominação, de um poder carismático a um poder racional e burocrático.

Assim o ponto final do processo de desencantamento do mundo, que de acordo com Weber já aconteceu, é uma humanidade racionalizada, procurando desapossar de seus “deuses e demônios”, que anteriormente “habitavam” a realidade. Com isso a humanidade buscaria fazer com que suas ações estejam despojadas de qualquer resquício de concepções misteriosas e irracionais.

O poder carismático e a disciplina

O poder carismático é exercido por pessoas que possuem características consideradas sobrenaturais, não acessível a todos, por um indivíduo de singular qualidades prodigiosas, de heroísmo marcado pela abnegação e outras particularidades. Entende-se carisma como, já supracitado, uma qualidade extraordinária, sobrenatural e sobre-humana. Os líderes carismáticos governam em decorrência do carisma que possuem, o autor diz que:

Todos eles praticaram suas artes e governaram em virtude desse dom (carisma) e, quando a ideia de Deus já havia sido concebida com clareza, em virtude da missão divina encerrada no dom. Isso se aplica a médicos e profetas, tal como juízes e chefes militares, ou aos chefes das grandes expedições de caça. (WEBER, 1982, p. 284)

A autoridade carismática para exercer o seu poderio, necessita da aprovação dos seus seguidores. Estes dirão se o líder carismático é legítimo ou não, ou seja, a liderança carismática não é dada como um cargo, mas é alcançada devido o reconhecimento, e não eleição, dos seus adeptos. A missão dele só alcançará êxito se obter seguidores, se isso não acontece o seu múnus entra em crise. Além disso, para Weber:

O carisma pode ser, e decerto regularmente é, qualitativamente particularizado. Trata-se mais de uma questão interna do que externa, e resulta na barreira qualitativa da missão e poder do portador do carisma. Em sentido e conteúdo, a missão pode estar dirigida a um grupo de homens que são delimitados localmente, etnicamente, socialmente, politicamente, ocupacionalmente ou de algum a outra forma. Se a missão dirige-se assim a um grupo limitado de homens, como é comum, encontra seus limites dentro desse círculo. (WEBER, 1982, p. 285)

Assim o poder carismático encontra sua delimitação, geralmente, dentro dos círculos em que sua missão está direcionada. A delimitação do corpo administrativo se dá de acordo com o carisma pessoal e não por outros adjetivos possuídos pelos líderes.

Em todas as formas de poder, sobretudo no carismático, para que exista consistência é necessário que haja uma obediência profunda dos governados para com o líder. Com essas características o domínio carismático se difere do burocrático pois:

“Se este depende de uma renda regular, e daí, pelo menos a *potiori*, de um a economia monetária e tributos em dinheiro, o carisma vive neste mundo, embora não seja deste mundo. Isso deve ser bem compreendido.

Frequentemente, o carisma, deliberadamente, abstém-se da posse de dinheiro e de renda pecuniária *per se*, como São Francisco e muitos semelhantes e ele; mas tal não é, decerto, a regra. ” (Weber, 1982, p.285)

Max diz que “em sua forma “pura”, o carisma jamais é fonte de lucro privado para seus possuidores, no sentido de exploração econômica através de uma transação. ” Ele não tem por fim o crescimento financeiro do seu portador, ou para lhe servir de fonte de lucro. Então o poder carismático não é exercido para a obtenção de vantagens pessoais mas para um suposto bem dos seguidores. O autor ainda diz que o poder carismático:

É o oposto de toda economia ordenada. É a força mesma que ignora a economia. Isso também é válido, na verdade precisamente, quando o líder carismático se empenha na aquisição de bens, como ocorre com o herói guerreiro carismático. O carisma pode fazer isso porque, pela sua natureza mesma, não é uma estrutura “institucional” e permanente, mas, quando seu tipo é “puro”, é o oposto mesmo do institucionalmente permanente. (WEBER, 1982, p.286)

O poder carismático devido a sua natureza é instável. Se os seguidores do líder carismático, entenderem que ele foi abandonado pela virtude, eles os abandonam na espera de um outro líder que possua essa virtude. Assim pode ser extinta a missão do líder carismático. Percebe-se que este tipo de autoridade, não possui por base normas institucionais ou burocráticas ou em costumes tradicionais. Vê-se que:

O domínio carismático autêntico não conhece, portanto, os códigos jurídicos abstratos e os estatutos e nenhum modo “formal” de adjudicação. Sua lei “objetiva” emana concretamente da experiência altamente pessoal da graça celestial e da força divina do herói. A dominação carismática significa uma rejeição de todos os laços com qualquer ordem externa, em favor da glorificação exclusiva da mentalidade genuína do profeta e herói. (WEBER, 1982, p. 288)

O carisma também passa por um processo de racionalização, sempre que se depara com as instituições permanentes de uma comunidade. Uma das forças que corroboram para que se extinga o carisma pessoal é a disciplina racional, que tem por um de seus resultados a transformação racional da estrutura racional.

A disciplina exige que haja uma obediência que seja uniforme por parte dos homens, ela geralmente é impessoal e neutra estando disposta sempre a servir qualquer força que saiba usar e promover seus serviços. Toda disciplina possui por origem a

disciplina do exército, que é uma grande instituição que prepara os homens para a disciplina.

O carisma ainda que rotinizado permanece funcionando em favor dos que o possuem, devido ao seu caráter supranatural em seu estágio puro. Assim o carisma garante aos líderes, que necessitam da contínua existência desse poder para exercer seu domínio o poder e posse.

As religiões mundiais

O homem é um ser religioso por natureza, em toda sua história se encontra presente traços religiosos, que por vezes já foram o único meio encontrado para se explicar diversos fenômenos. Nesta perspectiva que se percebe a importância e a relevância da religião nas relações sociais.

Têm-se cinco grandes religiões ou sistemas, que são tidas por religiões mundiais, devido ao grande número que possuem de adeptos às suas doutrinas e ensinamentos. As religiões mundiais são o cristianismo, confucionismo, islamismo, budismo, hinduísmo. Max ainda trabalha com uma sexta religião, o judaísmo.

A doutrina religiosa, ou seja, a conduta de vida exigida pela religião, é também, mas apenas, um dos elementos que constituem a ética econômica. Esta não é definida somente pela religião, mas também por outros diversos fatores. Weber estuda essas religiões, suas estratificações sociais e a racionalização de suas cosmovisões.

É de acordo com a visão de mundo de cada religião que Weber as classifica. Em todas as religiões mudanças nas camadas socialmente fundamentais, foram quase sempre de crucial importância.

As religiões passaram por um processo de racionalização, e com esse processo têm-se a necessidade de uma leitura ética acerca da distribuição de fortuna entre os homens. Em consequente Max diz que:

À medida que os reflexos religiosos e éticos sobre o mundo se foram tornando cada vez mais racionalizados e primitivos, e as noções mágicas foram eliminadas, a teodicéia do sofrimento encontrou dificuldades crescentes. Era demasiado frequente o sofrimento individualmente “imerecido”; não eram os homens “bons”, mas os “maus” que venciam — mesmo quando a vitória era medida pelos padrões da camada dominante, e não pela “moral dos escravos”. (WEBER, 1982, p. 318)

Nas camadas sociais menos significantes que o desenvolvimento de uma ética religiosa teve suas raízes. Isso se dá devido a facilidade dessas camadas recalcadas ou de estamentos vistos de modo negativo em alimentar a crença em uma missão que lhe foi confiada, incumbindo tal responsabilidade para uma tarefa que Deus as designou. Para isso o ressentimento não serviu de trampolim, mas o interesse racional nas compensações materiais foram de ideal suficiência. O autor afirma que:

“As massas por si mesmas — como iremos ver — permaneceram mergulhadas, em toda parte, no crescimento maciço e arcaico da magia a menos que um a profecia que apresente promessas específicas as tenha arrastado para um movimento religioso de caráter ético. Quanto ao resto, a natureza específica dos grandes sistemas éticos e religiosos foi determinada pelas condições sociais de um a natureza bem mais particular do que o simples contraste entre as camadas dominante e dominada.” (WEBER, 1982, p. 320)

Os estamentos mais intelectuais, protagonizaram a busca do verdadeiro racionalismo religioso, em si. A racionalização moderna, total, das concepções do mundo teve como consequência o desvio da religião para o mundo irracional, causando assim uma divisão, o racional e o místico. De acordo com Weber:

“A unidade da imagem primitiva do mundo, em que tudo era mágica concreta, tendeu a dividir-se em conhecimento racional e domínio da natureza, de um lado, e em experiências “místicas”, do outro. O conteúdo inexprimível dessas experiências continua sendo o único além” possível, acrescido ao mecanismo de um mundo sem deuses. De fato, o além continua sendo um reino incorpóreo e metafísico, no qual os indivíduos possuem intimamente o sagrado.” (WEBER, 1982, p. 325)

Weber dá ênfase nas características das religiões pelas quais se relacionam com o racionalismo econômico. Pode-se entender o termo racionalismo de diversas formas, um deles é uma “disposição sistemática”. Ele diz ainda que, geralmente todas as éticas práticas que possuem como fim fixo a salvação, são racionais. Elas passaram por um processo de rotinização e burocratização simultâneo ao da racionalização. O próprio poder carismático foi institucionalizado. Esse processo de racionalização passado pelas religiões mundiais, está contido no termo “desencantamento do mundo”.

O capitalismo e as seitas protestantes

No seu ensaio sociológico “As Seitas Protestantes e o Espírito do Capitalismo”, Weber frisa a relação entre as seitas protestantes e o capitalismo. Escrito em meados do século XX mostra a realidade em que os Estados Unidos, de modo particular, estavam passando. Mesmo com a separação constitucional do Estado com a religião, tornando-o laico, as seitas protestantes, citadas por Max, influenciavam a vida social destacando-se a esfera econômica. O sociólogo cita que:

Se examinarmos mais atentamente a questão nos Estados Unidos, veremos facilmente que a questão da filiação religiosa era quase sempre formulada na vida social e na vida comercial que dependiam de relações permanentes e de crédito. (WEBER, 1982, p. 348)

O autor usa de diversos exemplos para enfatizar a influência da religião na vida em sociedade. Ele diz que em diversas situações as pessoas depositam a confiança em alguém devido ao seu seguimento religioso, isso de um modo particular no âmbito econômico. Assim a admissão em alguma congregação seria uma condição e também garantia de virtudes morais, de forma mais específica no âmbito dos negócios. Com isso têm-se a formação de estamentos. Para se desenvolver seria necessária a participação em alguma congregação, seita ou associação. Weber ainda acrescenta:

A certeza que tinham os credores de que a seita, em defesa de seu prestígio, não permitiria que os credores sofressem prejuízos causados por um de seus membros não era, porém, decisiva para as suas oportunidades. Decisivo era o fato de que uma seita de reputação só aceitaria como membro a pessoa cuja “conduta” a tornasse moralmente em condições disso, fora de qualquer dúvida. (WEBER, 1982, p. 350)

As seitas de forma particular, possuíam adesão voluntária, daqueles que ela julgar moralmente qualificados. Além disso entre os membros das seitas era vivido uma certa fraternidade, onde a ajuda mútua era algo obrigatório. Isso dá aos membros das seitas uma grande credibilidade, como já foi supracitado. Se, entretanto, por motivos de ofensas morais, a pessoa for afastada da congregação, ela perde toda credibilidade alcançada enquanto membro da seita.

Entre as seitas possuem uma certa competição muito forte, por vezes através de proselitismo. As seitas possuíam geralmente um bom diálogo entre si ainda que com disputas entre elas por adeptos. Estas disputas se davam através de ofertas materiais e

espirituais. Weber constata a decadência no âmbito das religiões devido a uma crescente secularização a todo fenômeno religioso, nos tempos modernos.

Em razão da influência dessas associações religiosas no âmbito comercial, elas eram corriqueiramente veículos de ascensão social. Participar de alguma dessas seitas era certeza de crédito garantido. O autor faz uma comparação entre a América e a Europa:

Na América, o “dinheiro”, simplesmente, por si mesmo, também compra poder, mas não as honras sociais. É claro que ele constitui meio de adquirir prestígio social. O mesmo acontece na Alemanha e em toda parte; na Alemanha, porém, o caminho adequado às honras sociais leva da compra de uma propriedade feudal até a fundação de uma propriedade vinculada, e a aquisição de títulos de nobreza, que por sua vez facilitam a recepção dos netos na “sociedade” aristocrática. [...] Todos esses fenômenos, muito grotescos quase sempre, pertencem ao amplo campo da europeização da “sociedade” americana. (WEBER, 1982, p.356)

Para ter aceitação na democracia, fazia-se necessário um enquadramento às convenções da sociedade burguesa, até mesmo no âmbito da moda masculina. Um dos quesitos era ter alcançado o ingresso em alguma seita, clube ou associação por voto, de forma tida por legítima.

Têm-se então que, para uma aceitação e uma ascensão social, era imprescindível a participação em seitas que serviam de reguladores morais do indivíduo, dando assim uma certa segurança acerca da sua idoneidade, e seria necessário que continuasse dando provas de seu cavalheirismo.

O desencantamento do mundo

A expressão “desencantamento do mundo” é utilizada por Weber para tratar de um processo pelo qual a sociedade passou até chegar a modernidade. Isso implicaria na desmágica da realidade. Deve-se ter em mente que, segundo Weber, a sociedade vivia mergulhada em uma mistificação, onde credices eram tidas por verdades absolutas.

Pode-se dividir esse processo em dois pontos o desencantamento religioso e o desencantamento científico. A racionalização, assim como a burocratização e a rotinização corroboraram para a ocorrência do processo de desencantamento. Acerca da racionalização o autor diz que:

Temos de lembrar-nos, antes de qualquer coisa, que “racionalismo” pode significar coisas bem diferentes. Significa uma coisa se pensarmos no tipo de racionalização que o pensador sistemático realiza sobre a imagem do mundo: um domínio cada vez mais teórico da realidade por meio de conceitos cada vez mais precisos e abstratos. O racionalismo significa outra coisa se pensarmos na realização metódica de fim, precisamente dado e prático, por meio de um cálculo cada vez mais preciso dos meios adequados. Esses tipos de racionalismo são muitos diferentes, apesar do fato de que em última análise estão inseparavelmente juntos. (WEBER, 1982, p. 337).

No âmbito da ciência, o processo acompanhou o desenvolvimento da ciência moderna. Na esfera religiosa o processo se inicia desde a luta do profetismo judaico contra a idolatria. Também perpassa pela era Cristão e tem seu auge com a reforma protestante onde os sacramentos têm seus valores expulsos, completando assim a expulsão da magia da religião.

Em suas concepções sociológicas, Max Weber, tinha que com o desencantamento religioso o mundo deixou de ser concebido como transpassado por forças ocultas, que só seriam controladas através de magia. Com o desencantamento a magia foi eliminada do meio das religiões, dando espaço a uma prática religiosa pautada na ética.

Diante da esfera política, os religiosos permaneciam indiferentes, devido a sua busca carismática e de caráter verdadeiramente mística da salvação. Segundo o sociólogo, a religiosidade mágica mantém uma íntima relação com o âmbito estético. Desde os primórdios a religião é uma fonte interminável de ocasiões favoráveis de criação artística. Ele complementa dizendo que:

O desenvolvimento do intelectualismo e da racionalização da vida modifica essa situação. Nessas condições, a arte torna-se um cosmo de valores independentes, percebidos de forma cada vez mais consciente, que existem por si mesmos. A arte assume a função de uma salvação neste mundo, não importa como isto possa ser interpretado. Proporciona uma salvação das rotinas da vida cotidiana, e especialmente das crescentes pressões do racionalismo teórico e prático. (WEBER, 1984, p. 391)

Com o avanço da intelectualidade, o homem é colocado diante de um mundo desprovido de forças transcendentais. Não é preciso mais recorrer a meios mágicos para se compreender o mundo e seus fenômenos, devido a existência da razão e de meios científicos. Entretanto, ainda com toda intelectualidade e racionalidade, algumas

peças não conseguiram fazer este rompimento com a visão mágica de mundo. Com isso, alguns autores trabalham com a ocorrência do que eles intitulam por um reencantamento.

Deve-se ter o cuidado para não se confundir o processo de secularização com o desencantamento, apesar de um não ser totalmente avesso ao outro. Para Weber o que caracteriza a sociedade moderna é a racionalidade e a intelectualidade. Têm-se então as concepções modernas como resultado do processo de desencantamento passado pela sociedade.

Portanto ao estudar a sociedade moderna, Weber destaca pontos basilares para a sua estruturação. Todos os âmbitos da vida do homem moderno, se encontra permeada dos valores advindos do processo passado, o desencantamento do mundo. Este processo que levou o ser humano a buscar explicações racionais baseadas nos seus avanços intelectuais e científicos.